

As mulheres e o mercado

Rita Maria Manso de Barros

Em sua conferência sobre a feminilidade, Freud conjectura que tecer e fiar talvez tenham sido as únicas invenções das mulheres, entre as inúmeras feitas pelos homens na história das civilizações, e com a finalidade de encobrir sua genitália defeituosa. Ressalta que o pudor, afeto feminino por excelência, serve ao propósito de ocultar a falta do pênis e o horror gerado pelo real da castração¹. Pode-se entender por qual motivo Lacan aponta o pudor como centro de gozo feminino², como aquele que oculta o não sentido da castração na mulher. "Significa que a mulher, como tal, é não toda para o Um, que na solidão ela é parceira de seu gozo"³.

Tecidos e fios podem ser bem explorados como significantes da linguagem: as mulheres, quando juntas, falam de suas vidas, das vidas alheias, de seus companheiros, mães, pais, maridos, filhos, primas, amigas, fazendo revisões de seus laços sociais. Esses laços envolvem não só suas relações pessoais, familiares e de amizade, como também de trabalho. Elas fazem crochê, rendas, tricotam. Uma das palavras usadas para quando estão conversando sobre os outros é "tricotar", no sentido de falar da vida alheia, mexericar, um dos esportes mais deliciosos, também um sinônimo de fofocar. Nesse uso da linguagem, muitas vezes escondem de si mesmas suas mazelas, ou as revêem. Não é à toa que os consultórios de psicanalistas são mais frequentados por mulheres do que por homens. O tricô implica em entrelaçar malhas com agulhas especiais; no caso da fofoca as línguas servem de agulhas, para formar um tecido, a fala gozosa do inconsciente.

Os salões de beleza são hoje um comércio de sucesso e em ascensão no Rio de Janeiro, como também em toda grande cidade do mundo. Tecer e fiar seus fios de cabelo são uma espécie de imperativo para as mulheres: elas os cortam, os aumentam, os alisam, modelam seus cachos, os tingem, fazem luzes ou mechas, escova, os hidratam, podem até mantê-los brancos, mas brilhantes. Cuidam de suas unhas das mãos e dos pés com cores variadas, depilam-se, modelam suas sobrancelhas, fazem permanente nos cílios. Pois não basta ser mulher, têm que explorar as suas insígnias. Algumas nascem mais aquinhoadas pela sua genética.

Ao apontar o quanto as mulheres belas são uma categoria à parte, Freud destaca que nelas o narcisismo é acentuado, esperando muito mais ser amadas do que amar, ser causa de desejo do Outro.

As mulheres, especialmente se forem belas, ao crescerem desenvolvem certo autocontentamento que as compensa pelas restrições sociais que lhes são impostas em sua escolha objetual. Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças. A importância desse tipo de mulher para a vida erótica da humanidade deve ser levada em grande consideração⁴.

Como uma criança, a mulher bela pouco se preocupa com o outro, mas com o quanto de satisfação (gozo) este é capaz de lhe proporcionar. Seu maior temor, o equivalente à castração no homem, é deixar de ser amada. O que explica, para Miller, porque nela "os ciúmes são um fato de estrutura"⁵, sendo possível apresentar os ciúmes como consequência da castração e o *Penisneid* como sua forma primária.

Nisto reside o fascínio de ambas, crianças e mulheres, sobretudo para aqueles que em nome de laços sociais renunciaram aos seus exageros narcísicos, renúncia que permite a aceitação das diferenças e atenua a segregação.

Freud (1914/1976) ainda frisa que essas mulheres belas causam insatisfação em seu parceiro, torturados pelo temor de uma traição devido à natureza enigmática da mulher, encontrando suas raízes nos tipos de escolha de objeto no homem, oscilando entre a mãe e a puta.

Em nossa cultura existem mulheres desejadas por todos os homens. Todos aqueles que sejam homens desejam essa mulher. Esse foi o papel que, em certa época, desempenharam as famosas prostitutas e que, agora, de maneira mais distante, reconhece-se na escolha periódica da mulher mais bela do mundo. Designa-se uma a partir da qual é possível definir. Esse é o fundamento da supervalorização mencionada por Freud⁶.

Os fios chamaram a atenção de Lacan⁷ ao refletir sobre a diversidade de formas de enlaçamento dos nós que constituem a tessitura de cada sujeito, formas múltiplas de contornar o vazio e que originam diferentes tecidos cuja finalidade é constituir o sujeito por significantes, até seu núcleo, o *sinthoma*. Antes, no *Seminário 19*, Lacan afirmara que a mulher é um centro gozoso [*jouis-centre*] conjugado com uma *dessência* [*dé-sence*], referência não a uma ausência, mas ao sem sentido ou à falta, e ao mesmo tempo à decência ou ao pudor. "É por isso, aliás, que ela se faz significante de que não apenas o grande A não está aí, não é ela, mas também de que ele está inteiramente alhures, no lugar onde se situa a fala"⁸. E é isso o inconsciente, que o ser falando, goze⁹. Comprando, também. E o mercado sabe disso!

O mercado e a mulher

Retomemos o que desenvolvemos até esse ponto. O pudor é o afeto feminino por excelência, em Freud, e, em Lacan, é a decência que protege seu centro gozoso. As mulheres inventaram a arte de tecer e fiar, provavelmente para ocultar a castração, a falta ou sua *dé-sence*, sua decência, seu pudor. Não se mostrarão em sua derrubada (*Umsturz*) ou

devastação (*devastation*), como uma Medusa¹⁰ de cuja face os homens se protegem e se afastam. Como as mulheres de Atenas, como Penélope esperando Ulisses, fazem e refazem suas tramas enquanto anseiam por aquele a quem se entregarão, a ponto de perderem o pudor e a decência. A beleza toma o lugar de um representante fálico, dando a mulher bela uma posição de identificação ao falo, tornando-a poderosa e destacável entre as outras mulheres. Ser bela velaria ser castrada, ser *nãotoda* submetida à castração.

Dessa parte em diante, queremos discutir o quanto o mercado e o sistema capitalista tiram proveito da posição feminina. Ao final proporemos a retomada da hipótese comunista no âmbito social como uma possibilidade dos sujeitos sustentarem outra saída que não a da submissão à proposta fálica do capitalismo para poucos, saída conhecida das mulheres.

Ninguém duvida da hegemonia do discurso capitalista em nossos dias, derivando dele o mercado, um dos nomes do Outro. Enredadas no discurso capitalista, as mulheres consomem de tudo, inclusive coisas que não servirão para nada, objetos sem nenhuma serventia que não seja aquela experimentada no momento fugaz da compra. Contudo, esses objetos que para nada servem não conseguem servir ao nada, isto é, não tornam o mal-estar mais tolerável como os que se oferecem à contemplação. É o caso de uma obra de arte, que torna o vazio, o nada, mais tolerável. Uma pintura como obra de arte está a serviço do nada, não tentando obscurecê-lo, obturá-lo, mas ao contrário, ao circunscrevê-lo, ela oferece uma espécie de pastagem para o olhar, minimizando a dor de existir.

Os objetos eleitos pelas mulheres diferem dos adquiridos pelos homens, muito mais afeitos às compras de bens que aumentem a sua potência fálica como automóveis, computadores, ações, e até mesmo belas mulheres. Sim, mulheres foram compradas por muitos anos. Ainda estão à

venda quando o mercado não disponibiliza para elas outra posse senão a do seu próprio corpo, não para seu próprio prazer mas para o prazer do Outro, aqui ocupado pelo homem. Para muitas, votadas a serem objeto de gozo e não de desejo do Outro, resta apenas se oferecerem ao apetite feroz do capital gastando suas reservas para se manterem sempre jovens, como se tivessem sido banhadas na fonte da juventude, com os vorazes cirurgiões que lhe prometem não só beleza como também maternidade, numa aliança da ciência com o capitalismo.

A propaganda, a mídia, manipula as mulheres com mais facilidade do que os homens. O misterioso fetiche das mercadorias desmascarado por Marx, faz do fetiche "algo infinitamente fugidio, [que] depende da luz ou do tempo que a mulher tenha para colocar um pouco de pó", pois "esse fetiche é o nosso objeto a como causa de desejo"¹¹. Elas são mais facilmente capturadas pelas iscas lançadas em profusão sobre aquelas que não podem perder um capítulo de *Avenida Brasil*¹². Basta que uma atriz apareça com um novo aplique nos cabelos ou que a luminária da casa de uma personagem destaque os objetos reluzentes nela para que telespectadoras liguem para a emissora pedindo os nomes das lojas onde podem ser adquiridos! No dia seguinte os camelôs estarão na Rua da Carioca, na saída do metrô, vendendo "piranhas" piscantes usadas na véspera por uma atriz. Para tomar um exemplo das pesquisas que o capitalismo vive contratando, esclarece uma realizada no Reino Unido¹³ que as jovens consomem 81% contra 43% dos rapazes na faixa etária de 16 a 19 anos. Para elas, ir às compras é a promessa de momentos agradáveis, enquanto os rapazes o fazem por objetivos específicos, porque realmente precisam de algo. A mulher nem sempre compra o que precisa, mas faz da visita a um *shopping* um momento de despertar de pequenos ou grandes desejos: "vou ao *shopping* para ver quantos desejos vão brotar em mim, fora disso a vida é chata",

alega uma mulher cujas questões que a levaram à análise foram as compulsões de comprar e jogar em bingos clandestinos. Ainda que essas impulsões lhe custem a formação de dívidas, ela se vê forçada a elas: "é mais forte do que eu".

Lembramos que o ser falando, goza, e comprando, também. A propaganda há muito compreendeu a força das palavras no despertar de uma espécie de empuxo ao gozo, fazendo desse saber o núcleo de onde se desenvolvem as campanhas publicitárias. Esse saber, seu esteio, faz com que trabalhe com a ideia central de sustentar identificações, evocar desejos apoiados em fantasias de que é possível comprar o objeto *a*, seja para tê-lo seja para sê-lo. Cada sujeito mulher deve ser mais bela, mais jovem, mais e mais ainda, pois esta é a condição de se destacar entre as demais mulheres e se fazer desejada. E, sobretudo, fazê-las evitar o encontro com o real, ainda que dele sejam mais íntimas do que o são os homens!

A captura do capitalismo faz de cada trabalhador vítima duplamente: exploram sua força de trabalho nas indústrias e extraem seus ganhos ao lhe impingirem objetos pelos quais já pagaram com sua força de trabalho excedente usurpada pelo capital. Ele se alimenta de seus próprios escravos que acabam por realimentá-lo: vendem sua força de trabalho, e pagam para poder continuar vendendo-a! Contudo, o capitalista é escravo de seu próprio sistema de escravizar. Mas isso não pode parar de girar, se não gira, range¹⁴.

Afirmam que as engrenagens do sistema capitalista de mercado já começaram a ranger. Cresce o mal-estar na cultura e a civilização enfrenta impasses, fazendo com que as desordens do real no século XXI apresentem-se apoiadas em dois discursos: o da ciência e o do capitalismo¹⁵.

Direi que capitalismo mais ciência se combinaram para fazer desaparecer a natureza e o que resta do

desvanecimento da natureza é o que chamamos de real, ou seja, um resto, por estrutura, desordenado. Toca-se o real em todos os lados, segundo os avanços do binário capitalismo-ciência, de maneira desordenada, por acaso, sem que se possa recuperar uma ideia de harmonia¹⁶.

Discurso da ciência e discurso capitalista: e a mulher com isso?

Se vislumbramos no desejo freudiano uma aposta na vitória de *logos* (razão, ciência) sobre *ananké* (necessidade, barbárie), sabemos que essa aposta murchou diante da constatação de que aquilo que a ciência dá ela mesma se encarrega de tirar¹⁷. Mas será essa uma intenção do cientista ou será a do capitalista que detém marcas e patentes sem socializá-las? Se a ciência é um poderoso auxiliar do homem, porque dele retira a liberdade? É fato que estamos todos submetidos aos limites impostos pelos transtornos advindos do real, mas devemos questionar as diversas ofertas que o mercado divulga como científicas e que prometem a eliminação do sofrimento. Nesse sentido, o discurso psicanalítico tem mais contra o discurso capitalista e o uso feito por ele das descobertas científicas do que propriamente contra a ciência. Mas por que o homem precisa da ciência? Para diminuir sua angústia diante do real? Ou para explorar o próximo e dele gozar?¹⁸ Claramente esta não é a intenção de nenhum cientista quando faz suas pesquisas. No entanto, o capitalismo se apropria da ciência para aumentar seu poder de dominação e controle das massas. Mas como o discurso psicanalítico, sempre subversivo, poderá contribuir para a transformação desse estado de coisas, que determina o real em nossos dias?

Mesmo que dissequemos as contradições do capitalismo, que nos oferece e impinge meios que chamam de democráticos para lutar contra ele através de eleições, por exemplo, sabemos que essa "liberdade" é dada apenas para quem tem capital para bancar as caríssimas campanhas eleitorais, o

que deixa claro que "as soluções são buscadas apenas por meio dos mecanismos democráticos que fazem parte dos aparelhos do Estado "burguês" que garante a reprodução imperturbada do capital"¹⁹. Até mesmo as greves mudaram, uma vez que o uso de máquinas depende de um mero apertar de botão e elas se autolubrificam, além da terceirização crescente de empregos e meios de produção que tornam o trabalho marginal, fazendo o capitalismo crer-se vitorioso com o aumento de seus lucros.

O argumento de que o comunismo deu com os burros n'água nutriu-se mais ainda com a queda dos governos do bloco socialista e a adesão da China comunista ao sistema capitalista. A mídia encarregou-se de difundir tal argumento, grande parte dela a serviço do capitalismo, sobretudo aquela que dispõe de recursos obtidos pelos financiamentos dos poderosos. Podemos, por outro lado, afirmar que não chegamos ao ápice do regime socialista que levaria ao comunismo, nem acho que falta na Rússia nem na China, nem na resistente Cuba. Ainda assim, apesar das experiências que o século XX viveu, e para lidar com o que vem sendo intitulada a crise estrutural do capital²⁰, podemos retomar a ideia do comunismo não mais como partido político ou ideologia imperiosa de esquerda, mas como uma hipótese.

Em livro recém-publicado, o filósofo Alain Badiou²¹ propõe que a esquerda de sua época - ele participou ativamente do movimento estudantil de maio de 1968 na França - aderiu ao discurso anticomunista estadunidense da década de 1950 e passou a se autointitular de 'nova filosofia'. A base dessa virada para a direita, se apóia nos seguintes argumentos entre outros:

Os regimes socialistas são despotismos infames, ditaduras sanguinárias; dentro da ordem do Estado, devemos opor a esse "totalitarismo" socialista a democracia representativa, que é imperfeita, sem dúvida, mas é de longe a forma menos ruim de poder; dentro da ordem moral, filosoficamente a mais

importante, devemos pregar os valores do "mundo livre", cujo centro e fiador são os Estados Unidos; a ideia comunista é uma utopia criminosa, que, tendo fracassado em todo o mundo, deve ceder o lugar para uma cultura dos "direitos humanos" que combine o culto da liberdade (inclusive, e em primeiro lugar, a liberdade de empreender, possuir e enriquecer, fiadora material de todas as outras) e uma representação vitimária do Bem²².

Claro que aqui o Mal é tudo o que o discurso capitalista sustentado pelo mundo ocidental dessa forma classificou: e aqui voltamos ao comunismo como um mal a ser combatido com toda a força do capital e de intelectuais.

Sem negar os fatos que acabaram por dar munição para a sustentação desses argumentos, Badiou propõe que retomemos o comunismo como hipótese, como uma ideia, e não mais como aquela utilizada nos termos de "partidos comunistas" ou de "regimes comunistas"²³. Lembremos que uma hipótese é uma suposição admissível que poderá, ao ser defendida por argumentos ou demonstrações matemáticas, tornar-se uma tese, que em matemática é a conclusão de um teorema 'como se queria demonstrar'. No mundo acadêmico, num doutoramento, por exemplo, partimos de hipóteses - que devem ser originais, e sustentadas no trabalho de pesquisa bibliográfica ou da experiência clínica, no caso da psicanálise - que visamos transformar em uma tese, que deve ser sustentada pelo autor ao ser arguido pelos doutos membros da Banca. Em termos da dialética hegeliana, toda tese deve encontrar sua antítese. Desse encontro originar-se-á uma síntese, que se transformará numa outra tese. Basta fazer a hipótese como tese se defrontar com sua (ou suas) antítese(s), fazendo-a trabalhar. A contradição entre tese e antítese é o motor do pensamento, e ao contrário do que o senso comum pensa, uma não anula a outra mas, através da *Aufhebung* (suprassunção), uma fica contida na outra, ultrapassa-a e num mesmo movimento conserva-a em si. Esse é o fundamento dos mecanismos inconscientes do recalque, da forclusão ou do desmentido; ou mesmo das chamadas fases da

Opção Lacaniana Online As mulheres e o mercado

libido em autoerótica, narcísica e heteroerótica; ou ainda das zonas erógenas oral, anal e fálica. A seguinte não elimina a anterior, mas carrega-a em si já que a primeira foi condição de possibilidade para a seguinte eclodir.

Acreditar que não há saída é uma forma de nos fazer gastar nossas economias, gozar *ad infinitum*, de tudo e de todos enquanto o apocalipse, que pensam ser certo, não chega. A convocação dos sujeitos para serem fiéis a um acontecimento, da ordem de uma interpretação psicanalítica, demonstra que em psicanálise - como para qualquer outro acontecimento (como um amor, um ideal) que marque um antes e um depois e que torne a vida significativamente diversa da que foi até o momento - "não se trata de informar o sujeito sobre si mesmo. Trata-se de evocá-lo para transformá-lo e até mesmo de invocá-lo para transformá-lo"²⁴, pois a primeira impressão não necessariamente é a que fica mas sim aquela que transforma. Esta é a que finca.

Se o pudor e a decência não são afetos que toquem o capitalismo, ao contrário, proliferam a pornografia infantil, a exibição de colos uterinos, as Medusas da destruição do meio-ambiente, os incêndios criminosos em favelas de São Paulo, a utilização das descobertas científicas para a disseminação do uso de drogas tornando-as mais baratas e 'democraticamente acessíveis a todos' - as mulheres, aquelas capazes de sustentarem esse ponto central de gozo sem deles prescindir, com *dessência* poderão ser aquelas que se oporão àqueles que as querem em sua face de devastação.

A exigência de beleza é um mote sustentado pela ganância do capitalismo associado a uma parte da ciência cooptada, e para isso ele vende uma imagem inalcançável de magreza e altura. Gaste seu dinheiro, sua carne, para atendê-lo! O mercado no sistema capitalista tira proveito da posição feminina, incompleta, protetora de seu centro gozoso, seu pudor, sua decência como se ela estivesse

restrita apenas à posição do escravo de quem o senhor capitalista retira seu gozo.

Talvez seja a hora de nós, psicanalistas, revermos com as lentes que Freud e Lacan nos legaram, uma hipótese outra, suplementar: a hipótese comunista.

¹ FREUD, S. (2012[1933]). "A feminilidade, conferência 33". In: *O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, pp. 15-47 e p. 36.

² LACAN, J. (2012[1971-1972]). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 198-199.

³ MILLER, J.-A. (2010). "Minha garota e eu". In: *Opção Lacaniana online*, ano 1, nº 2, p. 13. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Minha_garota_e_eu.pdf>.

⁴ FREUD, S. (1976[1914]). "Introdução ao narcisismo". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, p. 234.

⁵ MILLER, J.-A. (2010). Op. cit., p. 13.

⁶ Idem. Ibid, p. 10.

⁷ LACAN, J. (2008[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

⁸ Idem. (2012[1971-1972]). Op. cit., pp. 198-199.

⁹ Idem. (2010[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 224.

¹⁰ FREUD, S. (1976[1922]). "A cabeça da Medusa". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Op. cit., p. 270.

¹¹ MILLER, J.-A. (2010). Op. cit., p. 10.

¹² Novela transmitida por rede de televisão em cadeia nacional.

¹³ "Men's & Women's Buying Habits" (2012). Disponível em: <www.keynote.co.uk/media-centre/.../mens--womens-buying-habits/?...>.

¹⁴ LACAN, J. (1992[1970-1971]). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 174.

¹⁵ MILLER, J.-A. (2012). "O real no século XXI". *Apresentação do tema do IX Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP)*. Disponível em: <<http://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=38&intEdicion=13&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2493&intIdiomaArticulo=9>>.

¹⁶ Idem. Ibidem.

¹⁷ Pode-se perceber a mudança da posição de Freud com relação às conquistas da ciência entre os textos *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930[1929]).

¹⁸ MANSO DE BARROS, R. M. (2012). "A psicanálise e sua inserção no discurso da ciência". In: *De que real se trata na clínica psicanalítica?* Rio de Janeiro: Cia. de Freud, pp. 81-108.

¹⁹ ŽIZEK, S. (2012). *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, p. 334.

²⁰ MÉSZÁROS, I. (2009). *A crise estrutural do capital*. São Paulo: Boitempo.

-
- ²¹ BADIOU, A. (2012). *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo.
- ²² Idem. *Ibid*, p. 7.
- ²³ Idem. *Ibid*, p. 146.
- ²⁴ MILLER, J.-A. (2012). "A escrita na fala". In: *Opção Lacaniana online*, ano 3, nº 8, p. 18. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_8/O_escrito_na_fala.pdf>.